



REP's - Revista Even. Pedagóg.

Número Regular: Formação de Professores no ensino de Ciências e Matemática

Sinop, v. 8, n. 1 (21. ed.), p. 207-223, jan./jul. 2017

ISSN 2236-3165

<http://sinop.unemat.br/projetos/revista/index.php/eventos/index>

A ARTE DE CONTAR HISTÓRIAS NA EDUCAÇÃO INFANTIL¹

Rosanice Sato Lima Sirqueira da Silva

Universidade do Estado de Mato Grosso, Sinop/MT - Brasil

RESUMO

Este artigo discorre a arte da contação de histórias na Educação Infantil como uma possibilidade enriquecedora de mudanças despertando nas crianças o prazer pela leitura. Apoiar-se na metodologia de pesquisa qualitativa, com técnicas de observação e aplicação de questionários às professoras da educação infantil de uma creche no município de Sinop, no Estado de Mato Grosso. A pesquisa utiliza como base teórica autores como Augusto Nivaldo Silva Trivinõs, Lúcia Pimentel Góes, Fanny Abramovich e Regina Zilberman. Conclui-se que a contação de histórias responde às necessidades afetivas e intelectuais da criança, não podendo ser suprimida de forma alguma.

Palavras-chave: Educação Infantil. Contação de História. Leitura.

1 INTRODUÇÃO

Esta pesquisa parte da importância do pensar para a vida social e o papel fundamental da educação em estimular e aperfeiçoar esta capacidade nos seres humanos, tendo a linguagem como manifestação do pensamento. Neste sentido, esta capacidade pode ser estimulada e aperfeiçoada, e neste treinamento, a escola e toda a educação formal têm papel fundamental. Assim, pressupõe que a história infantil pode ser um valioso instrumento neste contexto. Este trabalho se sustenta na

¹ Este artigo é um recorte do trabalho de conclusão de curso (TCC) intitulado **A ARTE DE CONTAR HISTÓRIAS NA EDUCAÇÃO INFANTIL**, sob a orientação da professora Dr^a. Rosane Salete Freytag, Curso de Pedagogia, Faculdade de Educação e linguagem (FAEL) da Universidade do Estado de Mato Grosso (UNEMAT), Câmpus Universitário de Sinop, 2016/2.

valorização da contação de histórias como uma possibilidade metodológica enriquecedora de mudanças, como uma forma de atrair o encantamento das crianças e despertar o prazer pela leitura. Neste sentido, esta pesquisa tem como objetivos: investigar a prática de contação de histórias através da observação desta na Educação Infantil e a partir do levantamento dos dados, propor uma reflexão e análise da importância desta prática.

A proposta é verificar se a arte de contar histórias é praticada nas unidades de educação infantil e como elas auxiliam as crianças em sua aprendizagem, pois a literatura estudada defende um grande potencial nessas práticas infantis. Destaca-se, por outro lado a importância dessa pesquisa por trazer contribuição para o ensino-aprendizagem sobre a temática e ressaltar a influência que a arte da contação de histórias exerce no cotidiano escolar e fora dele. A instituição escolhida para levantamento dos dados foi uma Escola Municipal de Educação Infantil do Município de Sinop, atendendo crianças de 0 a 5 anos de idade, a qual se mostrou receptiva a este projeto.

O trabalho está organizado em três capítulos; no primeiro capítulo, tratamos do referencial teórico, apresentando os aspectos históricos do ensino da Literatura Infantil, bem como a importância de contar histórias na Educação Infantil. Também abordamos o perfil do contador; os recursos e os espaços na contação de histórias; e sua relevância na prática pedagógica. No segundo capítulo, expomos a metodologia utilizada, abordando sua natureza de pesquisa; o contexto investigado; os participantes; os instrumentos empregados na coleta de dados, e os procedimentos adotados na análise dos dados. O terceiro capítulo, destina-se à análise dos dados, ou seja, as respostas dos questionários e observações, chegando assim aos resultados da pesquisa no que diz respeito à contação de histórias; bem como os relatos das experiências vivenciadas e as considerações finais que apresentam a conclusão da pesquisa, baseada nos resultados obtidos.

2 CONTAÇÃO DE HISTÓRIA NO UNIVERSO INFANTIL

Este capítulo dispõe o embasamento teórico que fundamenta esta pesquisa. Apresenta-se dividido em três partes, das quais, primeiramente apresentamos os aspectos historiográficos da literatura infantil; em seguida apresentamos as

concepções de alguns autores sobre a arte de contar histórias; e na sequência uma breve abordagem sobre o perfil do contador; os recursos e os espaços utilizados na contação de histórias.

2.1 ASPECTOS HISTORIOGRÁFICOS DA LITERATURA INFANTIL

Na sociedade antiga, não havia o conceito de infância: nenhum espaço separado do ‘mundo adulto’. As crianças trabalhavam e conviviam com os adultos, testemunhavam os processos naturais da existência (nascimento, doença, morte); participavam junto deles da vida pública (política); nas festas, guerras, audiências, execuções etc., tendo assim seu lugar assegurado nas tradições culturais comuns: na narração de histórias, nos cantos, nos jogos (RICHTER apud ZILBERMAN, 2003):

Não há como evitar que a literatura, qualquer literatura, não só a literatura infantil e juvenil, ao se tornar “saber escolar”, se escolarize, e não se pode atribuir, em tese, [...] a conotação pejorativa a essa escolarização, inevitável e necessária; não se pode criticá-la, ou negá-la, porque isso significaria a própria escola [...] O que se pode criticar, o que se deve negar não é a escolarização da literatura, mas a inadequada, a errônea, a imprópria escolarização da literatura, que se traduz em sua deturpação, falsificação, distorção, como resultado de uma pedagogização ou uma didatização mal compreendidas que, ao transformar o literário em escolar, desfigura-o, desvirtua-o, falseia-o. (SOARES, 2001, p. 5-6).

A Literatura Infantil já existe há muito tempo, entretanto, só se materializou no século XVIII, período em que houve várias mudanças tecnológicas e sociais; transformações decorrentes da Revolução Industrial (ZILBERMAN, 2003). Este século cessou a visão de que as crianças eram adultos em miniatura e que deveriam participar das mesmas práticas vivenciadas pelos adultos.

A partir de então, a criança passa a ser o centro das discussões no que se refere a criar um ambiente próprio voltado às suas necessidades e características. Desse modo, a criança passa a pensar em uma alimentação, em um vestuário, e demais coisas que sejam destinadas à criança, nesse momento é que surge a necessidade de uma literatura voltada para a criança.

Assim, percebe-se que agradar crianças através de histórias é algo simples, bastam narrativas que encantem e não tenham como escopo apenas a instrução,

segundo Góes (1991), a literatura tem a função de educar; instruir e entreter; porém muitas vezes a literatura como arte é deixada de lado; ficando somente a função pedagógica. Góes discorre da seguinte forma:

[...] nos começos da literatura infantil estava a pedagogia e que, ainda hoje, muitas vezes, pedagogia e literatura infantil vão de mãos dadas, às vezes como boas amigas, e outras, a maioria, sofrendo a literatura, como a pobre Cinderela, a dura perseguição de sua pedagógica madrasta. (GÓES, 1991, p. 49).

Com base na afirmação da autora, podemos observar que a preocupação excedente em trazer textos que ensinem às crianças valores e morais, muitas vezes faz com que aquilo que deveria ser prazeroso para ela, acabe se tornando pedante e tedioso. As histórias devem ser simples, não simplórias, com linguagem vulgar e infantilizada, para que a criança possa compreender, mas também possa enriquecer seu vocabulário.

Cabe, portanto, à escola fazer esse papel de mediar a interação entre a literatura e a criança, as primeiras produções foram feitas por professores e pedagogos, e atualmente os autores que escrevem para crianças em sua maioria atuam ou já atuaram nessa área. Um dos maiores desafios que podemos observar nos relatos, foi o de compreender que a literatura mesmo, nesse caso, não poderia ser vista somente como ferramenta pedagógica, a criança não precisa saber qual o objetivo daquela história, para ela esse é um exercício prazeroso. A afirmação da autora reforça a ideia de que a literatura não serve unicamente como material didático, para a criança que não compreende isso, as finalidades dela são indiferentes, o que realmente interessa é o encantamento, a magia que as histórias nos trazem.

A arte de contar histórias, conforme mencionado anteriormente, vem desde tempos antigos, era costume dos povos assentar-se em roda para ouvir as pessoas idosas narrarem contos. Essas histórias foram sendo transmitidas de geração a geração através das avós, mães, babás, incorporando a nossa cultura, chegando às escolas e conseqüentemente à Educação Infantil.

Quando é direcionada para o público infantil, é necessário que haja uma seleção criteriosa para que as histórias sejam satisfatórias, mas que produzam

sentidos e ações favoráveis, porque o educador infantil não se preocupa apenas com a formação escolar, mas com o exercício da cidadania.

2.2 O CONTADOR, RECURSOS E ESPAÇOS NA CONTAÇÃO DE HISTÓRIAS

As atividades de contação de histórias na Educação Infantil auxiliam no desenvolvimento da criança durante a infância. Seus temas diferenciados possibilitam à criança estruturar um enredo, incitando-a na sua inteligência emocional e intelectual como fonte de divertimento e saber, bem como, um estímulo à imaginação (ABRAMOVICH, 1991).

No entanto, as leituras e a contação de histórias infantis não são realizadas com frequência pelos pais, uma vez que a maioria das crianças retorna de casa para a escola com as experiências de leituras infantis vividas apenas no âmbito escolar. Esta situação requer novas ações metodológicas, no sentido de desenvolver atividades em sala, buscando relacionar o que é relevante para as crianças, ou seja, proporcionando às crianças momentos de contação de histórias, os quais despertem o interesse e a interação através das suas próprias experiências.

Na sala de aula ou fora dela, os momentos da contação de histórias são únicos e esses deverão ser especiais e prazerosos para as crianças. Nesse sentido, os educadores são os principais responsáveis por torná-los agradáveis. Para contar uma história, é necessário criar um clima de envolvimento e encanto, pois as crianças estarão predispostas a entrar nessa atmosfera de sonhos e imaginação. Sobre essa prática, Abramovich (1997, p. 21) pontua:

E para que isso ocorra, é bom que quem esteja contando crie todo um clima de envolvimento, de encanto... Que saiba dar as pausas, criar os intervalos, respeitar o tempo para o imaginário de cada criança construir seu cenário, visualizar seus monstros, criar os seus dragões, adentrar pela casa, vestir a princesa, pensar na cara do padre, sentir o galope do cavalo, imaginar o tamanho do bandido e outras coisas mais...

Para a autora, é importante que o contador de histórias esteja envolvido com a história que vai contar, além de atentar para ferramentas como o tom da voz, gestos, caracterização; assim saberá criar um ambiente de surpresa, encanto e emoção, em que as crianças possam desenvolver aspectos como a imaginação,

criatividade, raciocínio, o senso crítico e o gosto pela leitura. Isso requer do contador ousadia e amor ao que está fazendo.

A seleção dos recursos é de suma importância para a prática, porém o contador tem uma infinidade de opções, as quais podem ser utilizadas nas atividades desde fantoches, dramatizações, dedoches, teatro de varas, avental, tapete mágico, maquetes e o livro. É interessante acrescentar que outros recursos como sucatas, pedaços de madeiras, tecidos, plásticos podem ser usados como sugestões com o objetivo de surpreender as crianças.

Nesse capítulo, abordamos os aspectos históricos da Literatura Infantil e seu percurso até chegar ao âmbito escolar. Também enfatizamos a relevância da contação de histórias na Educação Infantil, bem como, a postura do contador, os recursos e os espaços explorados nas atividades de contação de histórias e suas contribuições para o desenvolvimento cognitivo e social das crianças no que se refere ao espaço escolar e fora dele.

3 PESQUISA QUALITATIVA NA EDUCAÇÃO INFANTIL

Neste capítulo, conceitua-se os princípios da pesquisa qualitativa em que nos apoiamos este trabalho, mais especificamente nos estudos de casos observacionais; bem como apresenta-se o perfil dos sujeitos envolvidos e a duração da pesquisa e os instrumentos utilizados para levantamento dos dados.

A pesquisa realizada teve como finalidade evidenciar as práticas realizadas em sala de aula, que tinham como intuito promover a contação de histórias. Trata-se de uma pesquisa qualitativa, com técnicas de observação e questionário com perguntas diretas. Optamos por tal metodologia por se dar em um ambiente de interação social, em um cotidiano escolar, também possui traços etnográficos por pesquisar de forma próxima às pessoas o tema deste trabalho. A Pesquisa de campo foi realizada por meio de observação e questionários a partir de uma abordagem qualitativa e descritiva. Segundo Triviños:

E como as descrições dos fenômenos estão impregnadas dos significados que o ambiente lhe outorga, e como aquelas são produtos de uma visão subjetiva, rejeita toda expressão quantitativa, numérica, toda a medida. Desta maneira, a interpretação dos resultados surge como a totalidade de uma especulação que tem como base a percepção de um fenômeno num

contexto. Por isso, não é vazia, mas coerente, lógica e consistente. Assim os resultados são expressos, por exemplo, em retratos (ou descrições), em narrativas, ilustradas com declarações das pessoas para dar fundamento concreto e necessário, como fotografias etc., acompanhado de documentos pessoais, fragmentos de entrevistas. (TRIVIÑOS, 1987, p. 128).

Para a coleta de dados, optamos por utilizar um questionário em anexo, que contemplasse questões sobre a importância do contar histórias na Educação Infantil, baseado no aporte teórico desta pesquisa. O questionário foi oferecido a quatro professoras. Nosso objetivo foi: analisar as questões e saber quais concepções permeiam o pensamento das educadoras sobre a prática da contação de histórias e qual a sua relevância na formação educacional das crianças e no dia a dia delas. Posteriormente, também fizemos uso de conversas informais, quando necessário, para sanar quaisquer dúvidas que tivéssemos ao analisarmos os questionários.

3.1 PROCESSOS DA PESQUISA

A metodologia adotada foi da pesquisa qualitativa, com técnicas de observação e questionário com perguntas diretas. Optamos por tal metodologia por se dar em um ambiente de interação social, em um cotidiano escolar, também possui traços etnográficos por pesquisar de forma próxima às pessoas e ao tema deste trabalho.

Para a coleta de dados, optamos por utilizar um questionário que contemplasse questões sobre a importância do contar histórias na Educação Infantil, baseado no aporte teórico desta pesquisa. O questionário foi aplicado a quatro professoras. Nosso objetivo é: analisar as questões e saber quais concepções permeiam o pensamento das educadoras sobre a prática da contação de histórias e qual a sua relevância na formação educacional das crianças e no dia a dia delas.

Para Triviños (1987, p. 133), o estudo de casos observacionais é um estudo que se define como sendo “uma categoria de pesquisa cujo objeto é uma unidade que se analisa aprofundadamente”, e ainda define como casos observacionais sendo “uma categoria típica da qualitativa”.

Para isso, foi muito importante a busca de vivências oportunizadas pelo trabalho realizado dentro da escola em que a pesquisa ocorreu. Por atuar como

bolsista do Programa Institucional de Bolsas de Iniciação à Docência – PIBID², ofertado na Universidade do Estado de Mato Grosso – UNEMAT, foi possível um contato maior com professores e também com as crianças, envolvidas na pesquisa. Digo às crianças, porque mesmo na sua ‘inocência’, cada reação delas neste processo foi capitalizada de forma importante, tornando-as sujeito ativo dentro do contexto observado. Num processo que possibilitou a construção de conhecimentos e aprendizagem numa relação de confiança entre pesquisador e outros sujeitos participantes.

No entanto, vale ressaltar que para esta fase da pesquisa, as dificuldades foram poucas, ainda assim presentes, pois alguns professores não se sentem à vontade em responder questões envolvendo suas práticas, por medo de serem julgados. Neste momento foi necessário reafirmar que seus nomes não seriam mencionados. E que terão acesso ao resultado da pesquisa.

Este roteiro objetiva obter informações a respeito das práticas dos professores no dia-a-dia da sala de aula. Toda atividade de coleta de dados está sob orientação da professora orientadora, Dra. Rosane Salete Freytag, da UNEMAT, Campus Universitário de Sinop. Respeitamos as informações registradas pelos colaboradores, com os quais, esta pesquisa assume compromisso ético.

As entrevistas e as observações nos possibilitaram compreender como se dá a prática da contação de história no dia-a-dia de uma sala da Educação Infantil, tendo como objetivo comparar informações das entrevistas com as práticas vivenciadas. Essa comparação nos possibilita uma análise através de diálogos com grandes autores que amparam os fundamentos deste trabalho. Para a fase de observação, elegemos duas turmas de pré II, e para conseguir acompanhar melhor a sequência das atividades, foi necessária uma semana, que compreendeu os dias 04, 05, 06 e 07 do mês de julho do ano 2016. Em dois horários, sendo uma turma no período matutino e outra no período vespertino.

Contudo, desenvolver esta pesquisa possibilitou, além da inserção científica e aprimoramento da vida acadêmica e profissional, também uma construção de vínculos de amizade e trocas de experiências.

²Programa Institucional de Bolsas de Iniciação à Docência ofertado pela Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior - CAPES

4 A CONTAÇÃO DE HISTÓRIAS COMO PRÁTICA COTIDIANA

A literatura é uma arte, que também pode ser utilizada como ferramenta pedagógica em sala de aula. Há um consenso de que as instituições de Educação Infantil devem respeitar a individualidade de cada criança, considerando que as turmas não são homogêneas, e também deve ser pensado em um trabalho interdisciplinar e transdisciplinar, e a contação de histórias é um dos possíveis caminhos para isso.

Os livros infantis surgem de uma necessidade de realocar a criança, antes vista como adulto em miniatura, Lajolo e Zilbermann (1985) traçam o percurso da Literatura Infantil, mostrando os contrapontos que a tornam diferente das demais, porém com qualidade equivalente. As autoras apresentam a narrativa infantil como produto final destinado a um público antes preterido, mas que durante a ascensão burguesa passa a ter visibilidade.

A criança passa a deter um novo papel na sociedade, motivando o aparecimento de objetos industrializados (o brinquedo) e culturais (o livro) ou novos ramos da ciência (a psicologia infantil, a pedagogia ou a pediatria) de que ela é destinatária. Todavia, a função que lhe cabe desempenhar é apenas de natureza simbólica, pois se trata antes de assumir uma imagem perante a sociedade, a de alvo da atenção e interesse dos adultos, que de exercer uma atividade econômica ou comunitariamente produtiva, da qual adviesse alguma importância política e reivindicatória. Como decorrência, se a faixa etária equivalente à infância e o indivíduo que a atravessa recebem uma série de atributos que o promovem coletivamente, são esses mesmos fatores que o qualificam de modo negativo, pois ressaltam, em primeiro lugar, virtudes como a fragilidade, a desproteção e a dependência. (LAJOLO; ZILBERMANN, 1985, p. 16).

Como vemos, a criança era vista como um ser totalmente dependente e incapaz, porém atualmente já temos a compreensão de que a criança tem autonomia e personalidade, sendo possível escolher as obras que estão a contento, inferir sobre as leituras e participar ativamente desses momentos de contação, criando, inclusive, novas narrativas ou recontando aquelas que ouviram.

Para analisarmos as práticas de contação de histórias, foi necessário partir do seguinte questionamento: A contação de histórias faz parte do cotidiano das crianças? Selecionamos as respostas de quatro professoras que chamamos de entrevistadas A e B. A entrevistada A fez a seguinte afirmação:

(01) Professora A: Em minha rotina de trabalho a contação de histórias é realizada diariamente, paralelo a isso existe um trabalho de orientação sobre a importância da leitura e dos livros.

Segundo a professora A, é preciso orientar as crianças sobre a importância da leitura. Por muito tempo a prática da contação de histórias na sala de aula, principalmente na Educação Infantil foi vista como uma forma de entreter e distrair as crianças, até hoje alguns profissionais agem dessa forma, invalidando as contribuições da literatura na vida das crianças. Porém no século atual a figura do contador de histórias novamente aparece como algo significativo nas instituições de ensino. A professora B reitera que:

(02) Professora B: Certamente a contação de histórias faz parte de nosso cotidiano com o objetivo de criar hábitos e despertar curiosidades nas crianças, para que criem suas hipóteses e interesse para formar futuros leitores.

A segunda entrevistada já afirma que a contação de histórias é pertinente para a formação de futuros leitores. A criança aprende pelo ouvir, mas principalmente pelos exemplos que lhe são dados. Assim sendo, contar histórias, quando se usam livros, é essencial para que elas tenham interesse e percebam que se trata de uma prática enriquecedora tanto do prisma humano, quanto do profissional. Deve-se levar em conta, no entanto, que para a criança a ideia de futuro e mercado de trabalho é muito abstrata. Portanto a escolha do material não deve visar ao ensino da escrita e da leitura, mas a satisfação da criança em se reconhecer como sujeito por meio das narrativas

A diferença do livro infantil e do livro adulto não está apenas no conteúdo, mas existem outros aspectos que o tornam singular, um deles é a presença de ilustrações, que aparecem em quase todos destinados a esse público. Existem variedades de livros para que os educadores possam escolher, livros pequenos, grandes, livros para levar no banho, confeccionados de materiais diversos, livros em 3D, e muitos outros que despertam a curiosidade dos alunos e os fazem querer ouvir as histórias. Os temas dos livros infantis também são variados. Temos seres

inanimados, elementos mágicos, crianças comuns que realizam façanhas extraordinárias, o fantástico e o maravilhoso e até temas reais. Sendo a imagem a primeira leitura realizada pela criança é necessário que ela possa manusear o livro e criar hipóteses a partir das ilustrações. Sobre as diferentes funções da imagem, Camargo discorre da seguinte forma:

A imagem tem *função representativa* quando imita a aparência do ser ao qual se refere; *função descritiva*, quando *detalha* essa aparência; *função narrativa*, quando situa o ser representado em *devir*, através de transformações (no estado do ser representado) ou ações (por ele realizadas); *função simbólica*, quando sugere significados sobrepostos ao seu referente, mesmo que arbitrariamente, como é o caso das bandeiras nacionais; *função expressiva*, quando revela sentimentos e valores do produtor da imagem, bem como quando ressalta as emoções e sentimentos do ser representado; *função estética*, quando enfatiza a *forma* da mensagem visual, ou seja, sua configuração visual; *função lúdica*, quando orientada para o jogo, incluindo-se o humor como modalidade de jogo; *função conativa*, quando orientada para o destinatário, visando influenciar seu comportamento, através de procedimentos persuasivos ou normativos; *função metalingüística*, quando o referente da imagem é a linguagem visual ou a ela diretamente relacionado, como citação de imagens etc.; *função fática*, quando a imagem enfatiza o papel de seu próprio suporte; *função de pontuação*, quando orientada para o texto junto ao qual está inserida, sinalizando seu início, seu fim ou suas partes, nele criando pausas ou destacando alguns de seus elementos. (CAMARGO, 2016, s/p).

Outro recurso muito utilizado pelas professoras ao iniciar uma história é a musicalização. A música também é uma forma de arte e pode ser uma narrativa, faz parte da vida das pessoas, tanto quanto as histórias, não se tem indícios de sociedades em que não haja essa manifestação artística. As histórias contadas em sala devem ser escolhidas pensando naquele público ao qual se destina, da mesma forma as músicas selecionadas. As professoras iniciavam a contação com uma música, isso já anunciava que a história iria começar. A música como precedente da contação é uma prática antiga, vemos na maioria das religiões em que se inicia com as cantigas e depois a pregação.

A música também aparece no decorrer de algumas narrativas, por exemplo, ao contar a história **Chapeuzinho vermelho**, a professora B, juntamente com as crianças, cantava uma música que precede o momento em que a menina se dirige à casa da avó e uma música que descrevia o lobo. Essa prática é muito frequente. Segundo Bedran (2010), a narrativa oral e as cantigas estão interligadas, em sua

tese, ela rememora histórias cantadas e contadas que a fizeram se dedicar a esse trabalho.

Aquelas maravilhosas narrações de contos populares do Brasil e também clássicos da literatura infanto-juvenil do mundo, eram entremeadas por músicas igualmente belas que pontuavam os momentos das histórias e as traziam mais oníricas e lúdicas para dentro do coração. (BEDRAN, 2010, p.17).

A transdisciplinaridade por sua vez, tenciona valorizar o conhecimento que os alunos trazem de casa. Por muito tempo a criança foi silenciada, porque tínhamos uma ideia equivocada de que a criança ao chegar à creche era desprovida de qualquer conhecimento, porém ela não é totalmente inculta, mesmo as bem pequenas já têm algum conhecimento da linguagem e outras aquisições, e devemos agregar esses conhecimentos, ao conhecimento científico.

Um dos aspectos mais relevantes da contação de histórias na Educação Infantil é a aquisição da linguagem. É por meio da palavra que criamos o mundo ao nosso redor, sabemos que existe o objeto cadeira, mas foi necessário nomeá-lo para que o distinguíssemos dos demais objetos. A criança através da linguagem vai construindo o mundo a sua volta, a narração propicia a ela trafegar entre a ficção e a realidade.

A contação de histórias é atividade própria de incentivo à imaginação e o trânsito entre o fictício e o real. Ao preparar uma história para ser contada, tomamos a experiência do narrador e de cada personagem como nossa e ampliamos nossa experiência vivencial por meio da narrativa do autor. Os fatos, as cenas e os contextos são do plano do imaginário, mas os sentimentos e as emoções transcendem a ficção e se materializam na vida real. (RODRIGUES, 2005, p. 04).

A interação e o desenvolvimento da criança, tanto em aspectos cognitivos quanto emocionais se dão de forma natural, devido ao caráter lúdico da contação, que permite a ela se expressar de maneira livre. Ouvir e recontar histórias propicia a criança estimular a memória e a criatividade. No entanto, quando as professoras iniciam a história, a criança consegue se libertar desse aprisionamento, pois ela não é apenas sujeito passivo, mas dialoga com a contadora durante esse momento.

Tendo claro que a narração de histórias se faz presente no cotidiano escolar, algumas perguntas se impõem aos professores: Como contar?

O que contar? Quando contar? Pra quem contar? Quando contar? Muitos docentes reconhecem que contar histórias em ambiente escolar é instrumento muito valioso para o processo de aquisição de conhecimento por parte das crianças. Ressentem-se, no entanto, pela falta de conhecimento mais apurado sobre o assunto, principalmente no que diz respeito às técnicas, às estratégias e ao repertório de histórias adequado para cada faixa etária. (SILVA, 2015, p. 21).

Pensando nisso, averiguamos como é realizado esse trabalho, pois não é simplesmente chegar à sala e ler uma história qualquer e esperar que a criança se identifique, interaja e aprenda por meio dela, é necessário um planejamento que se inicia na escolha do livro e segue com os métodos utilizados para a contação. Expomos no tópico seguinte as metodologias utilizadas pelas professoras.

4.1 DA PARTICIPAÇÃO DA CRIANÇA NA HORA DO CONTO

Para aprender algo novo é preciso atenção e estímulo, seja ele interno ou externo, mesmo os adultos têm necessidade de se concentrar e muitas vezes repetir a mesma atividade até a assimilação completa do conteúdo. A contação de histórias auxilia no processo de aquisição da linguagem, porque aprendemos a falar mediante o ouvir, exercitar a capacidade auditiva da criança é de suma importância. Observamos que as crianças prestam mais atenção na história, quando sabem que terão a oportunidade de recontá-la para os colegas e familiares.

Pensando na formação integral do sujeito, a Educação Infantil propõe por meio da contação de histórias, formar a criança para a prática da liberdade, autonomia e construção da identidade e personalidade. Dessa forma, os métodos pedagógicos utilizados pelas professoras, nas salas observadas propiciam isso. A professora A diz que:

(03) Professora A: As crianças têm participação efetiva nesses momentos, elas podem além de ouvir e intervir nas histórias lidas, elas ainda fazem contação de histórias, reconto de histórias, leituras compartilhadas e produção coletivas de textos a partir de histórias lidas.

Observamos que as crianças sentem-se à vontade para recriar as histórias e aprendem a se relacionar com seus pares. A interação entre as crianças ocorre nos

momentos de contação de histórias e nas brincadeiras de roda, principalmente, embora sejamos seres sociais, a socialização não acontece de maneira espontânea, deve ser estimulada, assim como as capacidades cognitivas. Outra prática comum na creche é a leitura compartilhada, em que cada aluno recebe um livro, o mesmo para todos, por exemplo, acompanhamos a leitura de **Bruxa, bruxa, venha à minha festa**, as crianças acompanhavam a leitura, virando as páginas do livro e seguindo com o dedo em cima das palavras pronunciadas pela professora, que afirmou:

(04) Professora B: As crianças participam através do reconto da história, respondendo as intenções feita pela professora, ampliação do vocabulário, folheando diversos tipos de livro.

Nos chamou a atenção o fato da contação de histórias ser realizada em outros espaços, além da sala de aula. Todos os dias a professora colocava o tapete e pedia para as crianças sentarem em uma roda, e cantava uma música para começar a história. No primeiro dia, com o auxílio de um flanelógrafo começou a história, mostrando o livro, falando da capa, autor, ilustrador e editora. Conforme a professora contava a história ela ia colocando os personagens da mesma no flanelógrafo, depois da história os alunos tiveram a liberdade de ir até o flanelógrafo para pegar os personagens e olhar.

É interessante ver que uma simples atividade promove várias aptidões da criança, por exemplo, para que organizem os espaços, é preciso que desenvolvam a autonomia, além da liderança que exercem uns sobre os outros na hora de pedir para que não haja barulho. Outra contribuição da contação de histórias é a possibilidade de avaliar de forma simples, embora não fosse nossa intenção investigar os níveis de aprendizagem, conseguimos averiguar a progressão dos alunos. Quando elas interagem de forma livre, podemos perceber como elas vivem, pensam e agem. Sendo assim, somos capazes de desenvolver planejamentos que atendam as suas reais necessidades, pois conhecemos a criança com a qual lidamos.

5 CONCLUSÃO

As pessoas sempre tiveram necessidade de compreender o mundo e paralelo a isso resgatar a sua cultura. Tendo em vista que as histórias sempre estiveram presentes na relação do homem com a vida, como uma forma de explicar a existência e manifestar a criatividade. Constitui-se assim, em uma forma de conhecimento e interpretação do mundo. Assim, podemos dizer que as histórias tratam de questões relativas ao sentido da vida e da própria existência, e ao serem utilizadas na sala de aula, principalmente com crianças da Educação Infantil podem fornecer a elas formas de relacionar-se com as realidades externas e internas da dimensão humana. Não como apenas entretenimento infantil, mas também, como fontes de conhecimento e imaginação.

Dessa forma, foi possível averiguar que a contação de histórias responde as necessidades afetivas e intelectuais da criança, não podendo ser suprimida de forma alguma. O ato de ouvir e contar histórias, além de tudo nos torna mais humanos, mais sensíveis e desenvolve as faculdades mentais necessárias para a aquisição de novos conhecimentos, também é importante lembrar que a criança precisa desenvolver a psicomotricidade, equilíbrio e lateralidade, durante a observação vimos que as atividades desenvolvidas a partir da contação propiciam tudo isso.

Concordamos com as professoras entrevistadas quando afirmam que é essencial diversificar espaços, e esmiuçar todo o conteúdo que o livro traz, capa, autor e ilustração; pois todos estes fatores intensificam o interesse e o prazer das crianças. E neste caso, as impressões que ficam, enquanto pesquisadora é que as professoras que participaram da pesquisa, bem como, a instituição de ensino observada na pesquisa, valorizam a leitura e exploração dos livros com as crianças na Educação Infantil.

THE ART OF TELLING STORIES IN THE CHILDREN'S EDUCATION

ABSTRACT³

³ Resumo traduzido por Sebastiao Quintilhano da Costa, graduada em Licenciatura Plena em Letras, habilitado em Português/Inglês e respectivas Literaturas-pela Universidade do Estado de Mato Grosso-UNEMAT, em 2013, Agente de Saúde Sinop/ Mato Grosso.

This article discusses the art of Storytelling in Childhood Education with an enriching possibility for changes that awaken children's enjoyment of reading. To support in methodology of qualitative research, with techniques for observation and application of questionnaires on the teachers education children's at in nursery the municipality of Sinop, the State of Mato Grosso. The research to uses as theoretical base authors such as Augusto Nibaldo SilvaTrivinões, Lúcia Pimentel Góes, Fanny Abramovich e Regina Zilberman. It concluded that the Storytelling to respond on the necessity affective and intellectual of child, cannot be suppressedofform some.

Keywords: Childhood Education. Storytelling. Reading.

REFERÊNCIAS

ABRAMOVICH, Fanny. **Literatura infantil:** gostosuras e bobices. São Paulo: Spicione, 1997.

BEDRAN, Beatriz. **Ancestralidade e contemporaneidade das narrativas orais:** a arte de cantar e contar histórias. Disponível em: <http://www.uff.br/cienciadaarte/dissertacoes_2010-1.html> Acessado em: nov. de 2016.

CAMARGO, Luis. **A relação entre imagem e texto na ilustração de poesia infantil.** Disponível em: <<http://www.unicamp.br/iel/memoria/Ensaios/poesiainfantilport.htm>>. Acesso em: 14 dez. 2016.

GÓES, Lúcia Pimentel. **Introdução à literatura infantil e juvenil.** 2. ed. São Paulo: Pioneira, 1991.

LAJOLO, Marisa; ZILBERMAN, Regina. **Literatura infantil brasileira:** história & histórias. 7. ed. São Paulo: Ática, 2007.

RODRIGUES, Edvânia Braz Teixeira. **Cultura, arte e contação de histórias.** Goiânia: Atlas, 2005.

PROFESSORA A. **Professora A:** depoimento [jul. 2015]. Pesquisadora: Rosanice Sato lima Sirqueira da Silva. Sinop, MT. Questionário respondido para o Trabalho de Conclusão de Curso sobre A ARTE DE CONTAR HISTÓRIAS NA EDUCAÇÃO INFANTIL, Câmpus de Sinop-MT.

PROFESSORA B. **Professora B:** depoimento [jul. 2015]. Pesquisadora: Rosanice Sato lima Sirqueira da Silva. Sinop, MT. Questionário respondido para o Trabalho de

Conclusão de Curso sobre A ARTE DE CONTAR HISTÓRIAS NA EDUCAÇÃO INFANTIL, Câmpus de Sinop-MT.

TRIVIÑOS, Augusto Nibaldo Silva. **Introdução à pesquisa em ciências sociais:** pesquisa qualitativa em educação. São Paulo: Atlas, 1987.

SILVA, Valéria Santos. **A arte narrativa na infância:** práticas para o teatro da leitura e a contação de histórias. Campinas: Mercado de Letras, 2015.

Correspondência:

Rosanice Sato Lima Sirqueira da Silva. Graduanda em Pedagogia pela Universidade do Estado de Mato Grosso (UNEMAT), Sinop, Mato Grosso, Brasil. E-mail: rosanicesato@hotmail.com

Recebido em: 17 de maio de 2017.

Aprovado em: 21 de junho de 2017.